

ACHSC

ANUARIO COLOMBIANO de HISTORIA SOCIAL
y de la CULTURA

VOL. 53, N.º 1, ENERO-JUNIO 2026

ISSN-L: 0120-2456

revistas.unal.edu.co/index.php/achsc

<https://doi.org/10.15446/achsc>

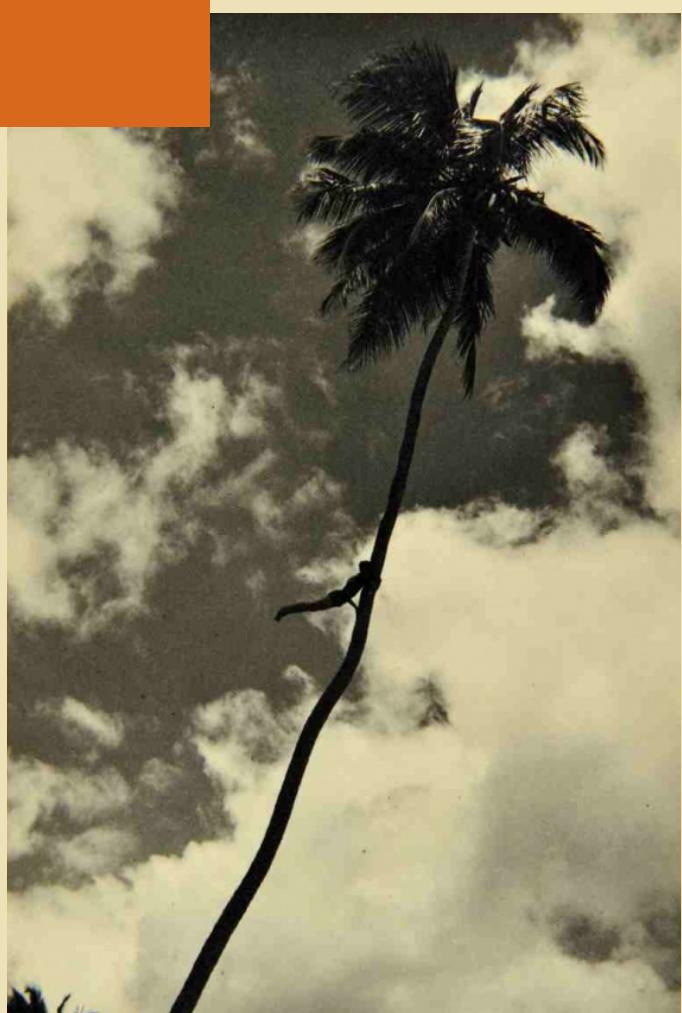
DOSSIER: Historia de las prácticas deportivas en América Latina, siglos XIX y XX

► Editores invitados:

Cleber Dias

Jorge Humberto Ruiz Patiño

► Benicio Dias. "Homem escalando coqueiro". Olinda. Pernambuco. 1937.



“Festa de civilização e progresso”. Práticas esportivas litorâneas em Fortaleza, Recife e Salvador, 1910-1940¹

“Fiesta de civilización y progreso”. Prácticas deportivas costeras en Fortaleza, Recife y Salvador, 1910-1940

“A Celebration of Civilization and Progress”. Coastal sporting activities in Fortaleza, Recife and Salvador, 1910-1940

⇒ <https://doi.org/10.15446/achsc.v53n1.118237>

⇒ **NARA MONTENEGRO**

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

n147481@Dac.unicamp.br | <https://orcid.org/0000-0002-9630-2243>

⇒ **CARMEN LUCIA SOARES**

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

carmenls@unicamp.br | <https://orcid.org/0000-0002-4347-1924>

Artículo de investigación

Recepción: 13 de enero del 2025.

Aprobación: 5 de julio del 2025.

Cómo citar este artículo

Nara Montenegro y Carmen Lucia Soares, “Festa de civilização e progresso”: práticas esportivas litorâneas em Fortaleza, Recife e Salvador, 1910-1940”, *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura* 53, n.º 1 (2026): e118237



Reconocimiento-SinObraDerivada 4.0
Internacional (CC BY-ND 4.0)

1 Este artigo é parte das pesquisas em andamento: “Pelo progresso esportivo em nossa terra: história do esporte no litoral de Salvador, Recife e Fortaleza (1900-1940)”, tese de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação-Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); “Vida ao ar livre no Brasil: o litoral como lugar de cura, educação e divertimento (1900-1940)”, Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Estadual de Campinas-, financiamento CNPq- processo n. 302277/2022-6.

RESUMO **Objetivo:** analisar as práticas esportivas litorâneas em cidades do Nordeste Brasileiro (Recife, Salvador e Fortaleza) como expressão de novas representações de espaços de natureza –mar e a praia –, entre o final do século XIX e início do século XX. **Metodologia:** a pesquisa desenvolvida é de caráter histórico-documental e fundamenta-se na perspectiva da História Cultural, vertente teórica que toma as práticas como objeto central na compreensão do mundo social. As fontes consultadas encontram-se em arquivos das cidades do Recife, Salvador e Fortaleza, e compreendem diferentes tipologias: imprensa (jornais e revistas), obras memorialísticas e imagens. **Originalidade:** o advento e a difusão de práticas esportivas em cidades brasileiras, traduzem novas sensibilidades em relação à natureza, pois boa parte da prática e do espetáculo esportivo ocorria em rios, lagos, mares. Suas histórias, portanto, são capazes de narrar trechos das histórias locais, regionais, nacionais e globais. É da transformação de técnicas corporais e, ao mesmo tempo, de modos de divertimento que criam espaços específicos tanto de práticas quanto de espetáculos que trata o esporte moderno. **Conclusões:** as práticas esportivas litorâneas que se desenvolveram nas praias do Nordeste brasileiro comportavam representações diversas, a depender do grupo social e de códigos culturais presentes. A possibilidade de distinção social, a aquisição de capital social e a formação de identidades locais e regionais foram aspectos que atravessaram as práticas esportivas do remo, da natação e das corridas de jangadas na extensa costa do Oceano Atlântico que banha a região brasileira.

Palavras-chave: esportes; história do esporte; litoral; nordeste brasileiro; remo.

RESUMEN **Objetivo:** analizar las prácticas deportivas costeras en ciudades del Nordeste brasileño (Recife, Salvador y Fortaleza) como expresión de nuevas representaciones de espacios naturales, el mar y la playa, entre finales del siglo XIX y principios del siglo XX. **Metodología:** la investigación desarrollada es de carácter histórico-documental y se fundamenta en la perspectiva de la Historia Cultural, que considera las prácticas como un objeto importante en la comprensión del mundo social. Las fuentes consultadas son de archivos de las ciudades de Recife, Salvador y Fortaleza, y comprenden diferentes tipos: prensa (periódicos y revistas); obras de memorias; imágenes. **Originalidad:** el advenimiento y difusión de los deportes en las ciudades brasileñas traduce nuevas sensibilidades en relación con la naturaleza, ya que gran parte de las prácticas ocurrían en ríos, lagos y mares. Sus historias, por tanto, son capaces de contar extractos de historias locales, regionales, nacionales y globales. Es la transformación de las técnicas corporales y, al mismo tiempo, de las formas de entretenimiento las que crean espacios específicos tanto para las prácticas como para los espectáculos que constituye el deporte moderno. **Conclusiones:** Los deportes costeros que se desarrollaron en las playas del Nordeste de Brasil incluyeron representaciones, dependiendo del grupo social y de los códigos culturales allí presentes. La posibilidad de distinción social, adquisición de

capital social, formación de identidades locales y regionales fueron aspectos que permearon las prácticas deportivas de remo, natación y carreras de balsas en la extensa costa atlántica que baña la región brasileña.

Palabras clave: costa; deportes; historia del deporte; nordeste brasileño; remo.

ABSTRACT Objective: To analyze coastal sports practices in cities in the Brazilian Northeast (Recife, Salvador and Fortaleza) as an expression of new representations of natural spaces such as the sea and the beach, between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. **Methodology:** The research developed is of a historical-documentary nature and is based on the perspective of Cultural History, a theoretical approach that takes practice as an important object in understanding the social world. The sources consulted are found in archives of the cities of Recife, Salvador and Fortaleza, and include different typologies: press (newspapers and magazines); memorial works; images. **Originality:** The advent and spread of sports practices in Brazilian cities translate into new sensibilities in relation to nature, since much of the sports practice and spectacle took place in rivers, lakes and seas. Their stories, therefore, can tell parts of local, regional, national and global histories. Modern sports are about the transformation of body techniques and, at the same time, of forms of entertainment that create specific spaces for both practices and spectacles. **Conclusions:** The coastal sports practices that developed on the beaches of the Brazilian Northeast included representations, depending on the social group and cultural codes present there. The possibility of social distinction, acquisition of social capital and formation of local and regional identities were aspects that permeated the sports practices of rowing, swimming and raft racing on the extensive Atlantic Ocean coast that bathes the Brazilian region.

Keywords: Brazilian northeast; coast; history of sports; rowing; sports.

O litoral brasileiro, como lugar de cura e repouso, educação e divertimento – onde floresceria também o esporte moderno – era, inicialmente, um espaço de vida e trabalho. Ali viviam comunidades de pescadores, portuários e povos originários. Além disso, o litoral também era utilizado como área de descarte de dejetos e até mesmo de cadáveres.

O processo de constituição de novas sensibilidades é lento. Aos poucos, essas sensibilidades vão redefinindo os espaços de natureza e abrindo caminho para uma terapêutica marinha. Rapidamente, esse mesmo espaço passa a ser visto também como lugar de diversão, aventura e contentamento. Além disso, começam a surgir processos educativos inéditos. Um exemplo disso é o esporte moderno, que teve

na natureza suas primeiras instalações. Isso porque essas práticas recreativas e higiênicas – e, mais tarde, esportivas e competitivas – nutriam-se da força das águas, aconchegavam-se nas margens e buscavam a sombra das árvores.²

O caráter higiênico e recreativo dos banhos nas águas de rios, lagos e mares foi predominante por muito tempo, e seu sentido atlético era ainda incipiente. Do mesmo modo, poderíamos refletir aqui sobre a locomoção nas águas; seja o ato de nadar, como forma de sobrevivência, ou de remar, como meio de transporte. Pouco a pouco, esses gestos utilitários e cotidianos ensejaram práticas recreativas e competitivas que, gradualmente, aproximavam-se do que se convencionou chamar de práticas esportivas modernas.

Desde o final do século XIX e início do XX, inúmeras práticas corporais começaram a se difundir nas cidades de Salvador, Recife e Fortaleza. A ginástica, por um lado, fazia parte dos currículos de grupos escolares, colégios e instituições militares. Por outro lado, associações, clubes e outras instituições sociais e recreativas passaram a desenvolver práticas esportivas.³

Clubes esportivos foram fundados na segunda metade do século XIX e no início do XX, promovendo modalidades como o turfe, o cricket, o remo e o futebol. Devido ao grande aporte de imigrantes ingleses, após a abertura dos portos em 1808, as cidades de Recife e Salvador passaram a abrigar hábitos e costumes advindos da Europa.⁴ As práticas de turfe e remo já eram desenvolvidas, desde meados do século XIX, em algumas cidades brasileiras.⁵

2 Carmen Lucia Soares, “Educação do corpo: apontamentos para a historicidade de uma noção”, *Educar em Revista* 37 (2021): e76507–e76507; Carmen Lucia Soares, “El mar, la playa, la vida al aire libre y la educación del cuerpo”, in *Fer-se a la mar: Narratives d’una descoberta pedagògica*, editado por Oriol Brugarolas Bonet, Èric Ortega González e Àngel Pascual Martín (Barcelona: Universitat de Barcelona, 2023), 139–156; Carmen Lucia Soares e Samuel Ribeiro, “À sombra das árvores... Respirando ar puro: educação e divertimentos junto à natureza na São Paulo dos anos 1920”, *Educação em Revista* 34 (2018): 418–431.

3 Aline Gomes Machado e Coriolano Rocha Junior, “A ginástica como prática educativa na Bahia (1850–1920)”, *Recorde – Revista de História do Esporte* 12, n.º 1 (2019): 1–15; Paulo Oliveira, “O esporte em Recife em meados do século XIX: o caso do turfe no ano de 1859”, in *Esportes no Nordeste: um mosaico sócio-histórico*, editado por Ricardo de Figueiredo Lucena, Maria Isabel Brandão de Souza Mendes e Priscila Santos Canuto (João Pessoa: UFPB, 2011), 173–185; Nara Romero Montenegro, “A cultura física e suas manifestações no litoral de Fortaleza (1925–1946): novos modos de se educar e de se divertir” (dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2020).

4 Gilberto Freyre, *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil* (Rio de Janeiro: Topbooks, 2000).

5 Victor Andrade de Melo, *Cidade sportiva: o turfe e o remo no Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro: Relume Dumará / FAPERJ, 2001); Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros, “Entre esportes, divertimentos e competições: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros (São Paulo, 1899–1949)” (tese de doutorado, Universidade Esta-

No caso das cidades nordestinas, destaca-se a fundação, em 1837, do primeiro clube de remo da Bahia. Algumas décadas mais tarde, em 1899, foi fundado o *Vitória Cricket*, que seria transformado, em 1902, no *Sport Club Vitória*. Com relação aos esportes náuticos propriamente ditos, que ocorriam nas praias e penínsulas de Salvador, destacam-se a fundação do *Clube de Natação e Regatas São Salvador*, em 1902, e do *Clube de Regatas Itapagipe*, em 1912. O pioneirismo baiano também se revelou na criação de um aparato burocrático esportivo: a *Federação de Clubes de Regatas da Bahia* foi criada em 1904, três anos antes da federação paulista.⁶

Em Pernambuco, em 1859, foi fundado o *Jockey Clube de Recife*. Mais especificamente para o remo, surgiu o *Clube Náutico Capibaribe*, em 1901, inicialmente voltado apenas a essa modalidade. Em 1905, foi criado o *Sport Club Recife*.⁷ Nas cidades de Salvador e Recife, o turfe e o remo constituíram as primeiras estruturas esportivas institucionalizadas, da mesma forma que ocorreu em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo.⁸

A cidade nordestina de Fortaleza, terceira a ser analisada, apresentou outro ritmo de desenvolvimento esportivo. Isso se deveu ao menor número de imigrantes ingleses e europeus, além da pouca centralidade político-econômica no século XIX, quando comparada a Recife e Salvador. Os primeiros clubes efetivamente esportivos só surgiram em Fortaleza nos primeiros anos do século XX, muito influenciados pelo futebol.⁹ Assim, clubes voltados aos esportes náuticos e localizados à beira-mar só foram fundados nas décadas de 1920 e 1930. É o caso do *Clube Náutico Cearense*, criado em 1929, e do *Ideal Clube*, fundado em 1931, este com caráter mais social.¹⁰

dual de Campinas, 2021); Claudia Moraes, “A educação do corpo à beira-mar: esporte e modernidade na ilha de Santa Catarina (1857–1932)” (tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017).

6 Henrique Sampaio Santos, “As elites e os clubes esportivos em Salvador, 1899–1924”, *Veredas da História* 4, n.º 1 (2011): 4.

7 Paulo Oliveira, “O esporte em Recife”; Henrique Sampaio Santos e Joanna Silva, “Das praias cariocas aos rios recifenses: a institucionalização do remo no Rio de Janeiro e no Recife”, in *Esportes no Nordeste: um mosaico sócio-histórico*, editado por Ricardo de Figueiredo Lucena, Maria Isabel Brandão de Souza Mendes e Priscila Santos Canuto (João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011), 51–70.

8 Melo, *Cidade sportiva; Medeiros. Entre esportes, divertimentos e competições*; Ricardo Lucena, *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro* (Campinas: Autores Associados, 2000).

9 Vicente Moreira Maia Neto, “Futebol, imprensa e cidade: o processo de especialização da crônica esportiva em Fortaleza (1921–1930)” (dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, 2014).

10 Montenegro, “A cultura física”.

Quadro 1. Fundação dos clubes náuticos/esportivos em Recife, Salvador e Fortaleza.

Nome do clube	Ano de fundação	Cidade
Vitória Cricket	1899	Salvador (BA)
Clube Náutico Capibaribe	1901	Recife (PE)
Sport Club Vitória	1902 (transformação do Vitória Cricket)	Salvador (BA)
Clube de Natação e Regatas São Salvador	1902	Salvador (BA)
Federação de Clubes de Regatas da Bahia	1904	Salvador (BA)
Sport Club Recife	1905	Recife (PE)
Clube de Regatas Itapagipe	1912	Salvador (BA)
Clube Náutico Cearense	1929	Fortaleza (CE)
Ideal Clube	1931	Fortaleza (CE)

Fonte: Dados elaborados com base nas obras: Santos, “As elites e os clubes esportivos em Salvador”, 4; Henrique Sampaio Santos, “Entre torcedoras e esportistas: a presença feminina na revista ilustrada Semana Sportiva em Salvador nos anos 1920”, *Saeculum* 27 (2012); Nascimento e Silva, “Das praias cariocas aos rios recifenses”, 51-70; e Oliveira. “O esporte em Recife em meados do século XIX”.

Tendo em vista os dados aqui apresentados, que revelam tanto uma conjuntura comum quanto importantes singularidades, este artigo tem como objetivo analisar as práticas esportivas litorâneas nas cidades de Recife, Salvador e Fortaleza, situadas na região Nordeste do Brasil, entre o final do século XIX e o início do século XX. Trata-se de um período em que as práticas esportivas se afirmam e se difundem nessas três cidades. Ao mesmo tempo, o litoral passa por significativas transformações nas suas representações, o que leva a novos usos e formas de apropriação.

Trata-se de uma pesquisa de caráter histórico-documental, fundamentada na perspectiva da História Cultural. Nessa abordagem, as práticas esportivas são consideradas elementos essenciais para a compreensão do mundo social.¹¹ As fontes utilizadas foram localizadas em arquivos das cidades de Recife, Salvador e Fortaleza e incluem a imprensa (jornais e revistas), obras memorialísticas e imagens.¹²

11 Roger Chartier, *A história cultural. Entre práticas e representações* (Rio de Janeiro–Lisboa: Bertrand Brasil / DIFEL, 1990).

12 Para este artigo, foram selecionados três jornais e duas revistas das cidades estudadas. Outros periódicos foram consultados, uma vez que compõe recorte de uma pesquisa mais abrangente. Contudo, para fins de uma discussão aqui proposta, selecionaram-se apenas fontes que dialogavam diretamente com a temática do artigo. As lacunas documentais caracterizam-se, sobretudo, pela limitação da perspectiva dos

O artigo está estruturado em dois tópicos. No primeiro, intitulado “O litoral e as práticas esportivas”, desenvolvem-se as ideias centrais que convergem para o encontro entre o esporte e o litoral como espaço propício ao seu desenvolvimento. As praias e o mar ganham novos usos e passam a abrigar atividades higiênicas, recreativas e competitivas, configurando-se como um litoral moderno.

No segundo tópico, intitulado “O esporte no litoral do Nordeste: entre o remo e as jangadas”, examina-se mais especificamente o advento do esporte nas cidades nordestinas mencionadas. Busca-se, também, estabelecer uma relação com o ideário de vida ao ar livre, no qual a apropriação moderna do litoral favorece a difusão das práticas esportivas. Ao longo da análise, são destacadas as singularidades desse processo em cada contexto local, o que evidencia a polissemia e a complexidade das representações sociais em jogo.

O litoral e as práticas esportivas

Aventura do corpo e das cidades, a confluência entre o esporte e o litoral foi expressiva nos contextos das cidades costeiras brasileiras no início do século XX. O esporte, uma novidade vinda do exterior, inicialmente desenvolvida pelas elites, logo se difundiu entre outros grupos sociais. O litoral, embora presente no cotidiano citadino, era, para grande parte da população, apenas uma paisagem. O novo século assinalou a redescoberta do litoral, que, além de seus antigos frequentadores foram povos originários, comunidades de pescadores e portuários, passou a receber também banhistas, veranistas e, gradualmente, esportistas (*sportmen*), com seus clubes e eventos esportivos.

No início do século XX, começava a se delinear, nas praias de Fortaleza, Salvador e Recife, um novo panorama marcado pela expansão da malha urbana ao redor das zonas costeiras e pela presença de uma juventude moderna ocupando as areias. Esse processo de transformação das praias em espaços de divertimento e convivência social urbana não foi exclusivo do Nordeste. Estudos sobre outras cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, Santos, Florianópolis, Vitória e o litoral do Rio Grande do Sul, apontam que, nesse mesmo período, consolidava-se a imagem

grupos sociais de camadas baixas, os quais também participavam, ainda que muitas vezes em formato de espectadores, das festas esportivas do litoral nordestino.

da praia “moderna”, associada ao balneário e ao hábito do veraneio.¹³ Embora cada localidade apresentasse suas particularidades como maior ou menor presença de imigrantes europeus, vínculos com a antiga Corte portuguesa e vocação turística ou características naturais; a urbanização e a ressignificação das áreas litorâneas seguiram um ritmo relativamente simultâneo em diversas capitais do país.

A raiz da atração que conduziu a ida às praias do Nordeste e que, até os dias atuais, orienta o fluxo turístico no Brasil, é um processo datável, que envolve aspectos das histórias locais, mas também a consolidação de um imaginário ocidental mais amplo a respeito das praias, amplamente analisado pelo historiador francês Alain Corbin.¹⁴ Resguardadas as devidas especificidades dos contextos europeu e brasileiro, a invenção de um litoral “moderno”, que comporta novos usos desse espaço natural, foi fundamentada por discursos médicos e higienistas que viam, nas águas do mar, um poder curativo e tonificador. Essas perspectivas inseriam-se em um contexto de emergência de novas representações atribuídas à vida ao ar livre; no caso europeu, no século XIX; no caso brasileiro, sobretudo a partir do século seguinte.¹⁵

A previsibilidade conferida pela ciência moderna aos fenômenos da natureza instaurou novas representações, fazendo com que a natureza passasse a ser um lugar a ser frequentado.

Os conhecimentos produzidos desempenharam um papel central nesse processo, sendo amplamente apropriados por determinadas correntes do pensamento médico-higienista, por um ideário educacional em formação e vulgarizados, em linhas gerais, pela imprensa. Lentos e abrangentes, os processos constituídos pelo acúmulo de conhecimentos, pelo abandono de crenças e pela transformação de

13 Julia O'Donnell, *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1840–1940)* (Rio de Janeiro: Zahar, 2013); Vinicius Terra, “A invenção da praia de Santos (1880–1940)”, in *Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana*, organizado por Carmen Lúcia Soares (Campinas: Autores Associados, 2016), 205–238; Moraes, “A educação do corpo à beira-mar”; Daniel da Rocha Ramos, “A invenção da praia e a produção do espaço: dinâmicas de uso e ocupação do litoral do ES” (dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, 2009); Joana Carolina Schossler, *História do veraneio no Rio Grande do Sul* (Jundiaí: Paco, 2013); Gustavo Freitas, “Práticas de divertimento no Cassino/RS em meados do século XX: a produção de um outro espaço no encontro com os infames” (tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande, 2014).

14 Alain Corbin, *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental* (São Paulo: Companhia das Letras, 1989).

15 Carmen Lucia Soares, org., *Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana* (Campinas: Autores Associados, 2016).

valores produziram uma inédita compreensão sobre a positividade da natureza e de seus elementos.¹⁶

Foi assim que os banhos de mar e, por volta da década de 1920, também os banhos de sol e os passeios na praia — para usufruir do ar iodado do Atlântico —, passaram a ser indicações e até mesmo prescrições médicas, compondo um ideário de vida ao ar livre. Desse modo, os novos usos do litoral, inicialmente recomendados por razões médicas, constituíram um extenso e intenso empreendimento de aprendizagem que mobilizou saberes e transformou representações e práticas. Esse processo criou condições para que os indivíduos pudessem nadar, velejar, realizar inúmeros jogos à beira-mar e, ainda, beneficiar-se dos banhos de sol.

Opera-se, assim, uma profunda mudança de sensibilidade que instaura um novo regime de emoções, assinala novas relações com a natureza e transforma a vida ao ar livre em uma necessidade e um valor para os indivíduos e grupos que viviam em cidades. Pode-se afirmar que, aos poucos, o medo diante de uma natureza indômita e pouco conhecida foi substituído pela aventura e pelo encantamento diante da vida em contato com a natureza.

O recorte temporal adotado permite captar as profundas transformações ocorridas nas formas de apreciação e nos novos usos do litoral; usos que oscilaram entre a cura e o repouso, os divertimentos e o advento do esporte moderno. A criação de inúmeros clubes à beira-mar, dedicados ao remo e à natação, produziu espetáculos de destreza física até então pouco conhecidos, adaptando materiais e transformando a natureza para acolher competições variadas. As práticas esportivas, assim, contribuíram fortemente para consolidar a compreensão do litoral como mais um espaço da natureza a ser frequentado e apropriado.

Cabe ressaltar que, até o começo do século XX, a região litorânea do Nordeste brasileiro era uma zona de defesa geopolítica, equipada com arquitetura militar colonial, como faróis, fortins e fortalezas. Exemplos são o Farol da Barra em Salvador, o Fortim de São Francisco em Olinda e a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção em Fortaleza.

Outra atividade central nas regiões praianas era a função portuária, ligada à economia e ao transporte. Também havia atividades de subsistência e pequena

16 Keith Thomas, *O homem e o mundo natural* (São Paulo: Companhia das Letras, 1988); Simon Schama, *Paisagem e memória* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996); Hansjörg Küster, *Petite histoire du paysage* (Strasbourg: Circé, 2013); Jean Delumeau, *O medo no Ocidente: 1300-1800: uma cidade sitiada* (São Paulo: Companhia das Letras, 1989).

economia, como a pesca. Esse cenário fazia do litoral um espaço fundamental para a dinâmica econômica dessas cidades, e não um local de divertimento, prazer ou cura.

A partir das primeiras décadas do século XX, novas representações do espaço litorâneo começaram a surgir. Desenvolveram-se hábitos e práticas ligados ao divertimento, ao lazer, à educação e aos esportes. Pouco a pouco, formaram-se os contornos do desejo pelas praias nordestinas.

Segundo Gilberto Freyre,¹⁷ a abertura dos portos brasileiros em 1808 aproximou o comércio das alfândegas, trazendo essas atividades para as proximidades das praias, não só no Rio de Janeiro, mas também em cidades como Recife e Salvador. Sob forte influência inglesa, além da economia, os costumes e hábitos burgueses modificaram a estrutura das cidades, valorizando cada vez mais os espaços e paisagens naturais. Nesse contexto, o banho de mar “essa espécie de banho ao mesmo tempo higiênico e recreativo”¹⁸ desenvolveu-se, impulsionado pela imigração inglesa.

No século XIX, já havia indícios das primeiras recomendações de novos hábitos relacionados ao litoral. Porém, a consolidação do desejo coletivo e massivo por esse espaço natural ocorreu algumas décadas depois, entre os anos de 1920 e 1930. Segundo Claval,¹⁹ a frequência às praias brasileiras no Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Natal e Fortaleza tornou-se um fenômeno de massa entre as duas grandes guerras.

Nesse contexto, diversos discursos, práticas e institucionalizações passaram a reconhecer o litoral como espaço de sociabilidade recreativa, educacional e higiênica. Entre essas mudanças, destacam-se a construção de casas de veraneio, a fundação de clubes sociais e esportivos, a melhoria do acesso por meio da criação de linhas de transporte público e da construção de avenidas à beira-mar. Também surgiram postos de salvamento e comércios, como cafés, restaurantes e barracas destinadas à troca de roupas de passeio por roupas de banho.²⁰

Concomitantemente a esse fenômeno de reinvenção do litoral, outra tendência, também influenciada pela Europa ocidental, chegava ao Brasil e se difundia

17 Freyre, *Ingleses no Brasil*.

18 Freyre, *Ingleses no Brasil*, 222.

19 Paul Claval, “Prefácio”, in *Maritimidade nos Trópicos: por uma geografia do litoral*, de Eustágio Dantas (Fortaleza: UFC, 2010).

20 Montenegro, “A cultura física”; Solange Maria de Oliveira Schramm, “Território livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema” (dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, 2001);

nas cidades: o esporte em seu caráter moderno. No século XIX, a ginástica já era uma prática inaugural, dentro da esfera esportiva conhecida como cultura física, presente principalmente nos contextos educacional e militar.²¹ Entre o final do século XIX e o início do século XX, difundiram-se também modalidades esportivas como futebol, remo, ciclismo, natação, entre outras.²²

A cultura física,²³ fundamentada em um discurso que se definia como racional, científico e higienista, era um conceito recorrente nas fontes do período. Referia-se a práticas mais ou menos institucionalizadas de exercícios físicos e esportes, que penetravam no contexto das cidades brasileiras. Sua aceitação estava vinculada a um projeto nacional de modernidade, que visava transformar os hábitos de saúde e educação da população. Contudo, parte das elites brasileiras questionava e até desacreditava essa aceitação, rejeitando hábitos que envolviam esforço físico e trabalhos manuais.²⁴

Manifestações dessa cultura física, que exaltava esportes e exercícios para um corpo ágil e audaz, gradualmente se inseriam no litoral das cidades de Fortaleza, Recife e Salvador. Isso renovava as representações do corpo e, ao mesmo tempo, do espaço praiano. As práticas ligadas à cultura física, somadas ao vestuário litorâneo, muitas vezes considerado indecoroso, geravam discursos sobre o corpo. Assim, começavam a se produzir representações de um jeito próprio de ser praiano.

21 Carmen Lucia Soares, “Veredas: caminhos trilhados e a trilhar na pesquisa sobre a história da ginástica”, in *Corpo e Ginástica na História: métodos, sujeitos, instituições e manuais*, editado por Andrea Moreno, Eve-lise Amgarten Quitzau, Marcelo Moraes E. Silva e Anderson Baía (Campinas: Mercado de Letras, 2022), 19–43; Gomes Machado e Pereira da Rocha Junior, “A ginástica como prática educativa”.

22 Coriolano Pereira da Rocha Junior, “Esporte e modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX” (tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011); Priscila Requião Lessa, Carmen Lucia Soares e Marcelo Moraes e Silva, “Passeios de bicicleta, corridas esportivas: novos divertimentos na cidade de São Paulo (1896–1925)”, *Topoi: Revista de História* 24, n.º 52 (2023): 311–344; Montenegro, “A cultura física”; Araujo, *As praias e os dias*.

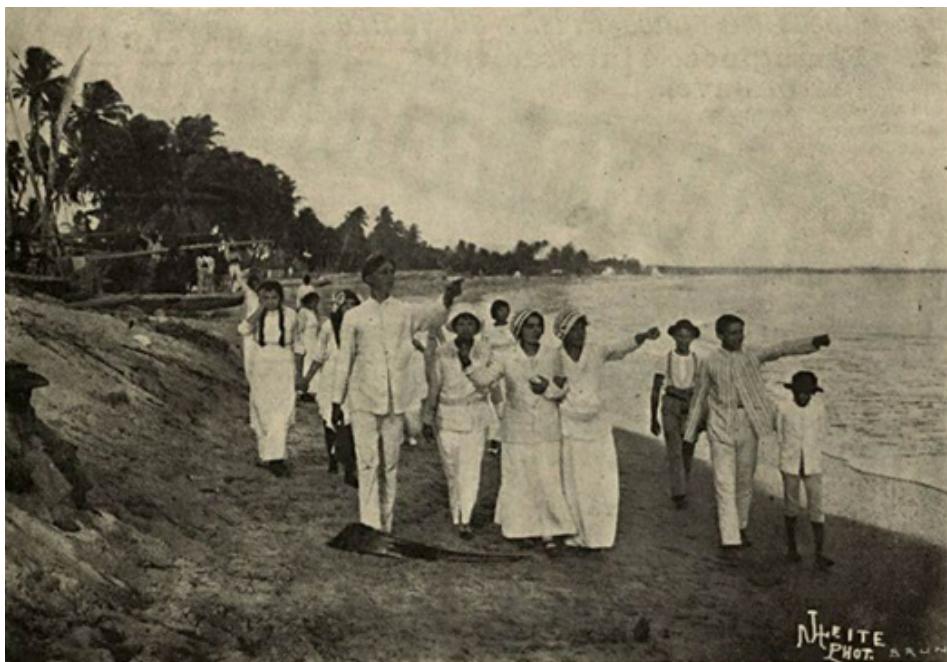
23 Ao referir-se à cultura física, evoca-se uma série de práticas relacionadas com a manutenção, representação e regulamentação do corpo: “A cultura física pode ser pensada, por sua vez, como uma fonte de produção e reprodução do discurso corpóreo, de toda uma gama de sistemas de símbolos interconectados preocupados com a criação de significados centrados no corpo humano”. David Kirk, “Physical Culture, Physical Education and Relational Analysis”, *Sport, Education and Society* 4, n.º 1 (1999): 63–73.

24 Edivaldo Góis Junior, “Ginástica, higiene e eugenio no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX”, *Revista Movimento* 19, n.º 1 (2013): 139–159.

Ao litoral, exigia-se cada vez mais uma especificidade de seus frequentadores. Isso se manifestava em uma vestimenta especializada, como o maiô e o calção, e em práticas e costumes próprios do universo da cultura física.

Uma prática comum na primeira metade do século XX era o *footing*, uma caminhada leve e recreativa. Era uma forma suave de exercitar-se e, ao mesmo tempo, socializar-se. Grupos de homens, mulheres, crianças e jovens praticavam *footing* nas areias da praia do Mucuripe, em Fortaleza (figura 1).

Figura 1. Praias Brasileiras (Mucuripe).



Fonte: “Praias Brasileiras-Mucuripe”, *Fon-fon* (Rio de Janeiro), n.º 16, 15 de abril de 1916, 63.

As roupas e acessórios dos sujeitos representados em 1916 sugerem ser os mesmos do cotidiano urbano habitual: longas saias e vestidos para as mulheres, e calças e camisas para os homens. Não há, portanto, uma representação de vestuário especificamente praiano, ainda que possam existir trajes adaptados às demandas do litoral, compostos por indumentárias leves, confortáveis e de cores claras.

Alguns anos depois, a mesma prática do *footing*, ou caminhada, parece modificada; não em seu caráter, mas em sua representação. Uma segunda fotografia, produzida vinte e dois anos depois, na praia de Boa Viagem, em Recife, mostra mulheres e crianças caminhando à beira-mar (figura 2). Assim como na imagem do Mucuripe, esse litoral ainda aparece como um lugar ermo, composto por coqueirais e jangadas de pescadores.

Figura 2. Praia de Boa Viagem (1938).



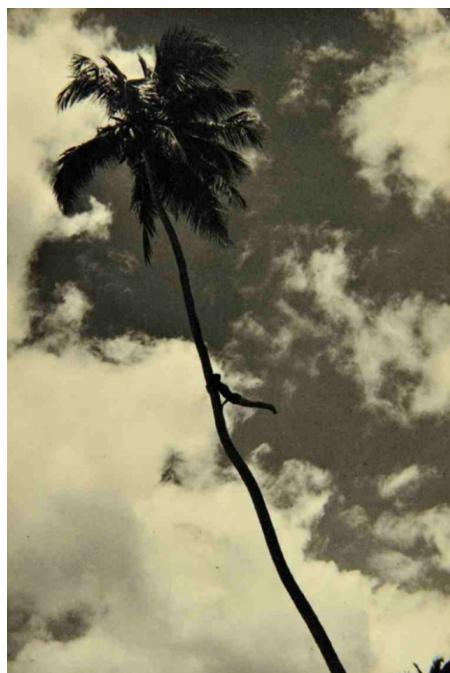
Fonte: Benicio Dias, “Praia de Boa Viagem (1938)”, Recife, 1938, Arquivo Benicio Dias (ABD), Recife.

No entanto, ao observar os sujeitos, percebe-se o uso de trajes especificamente litorâneos, como os maiôs, acompanhados de acessórios para a cabeça, como chapéus e toucas. Há, nesse sentido, uma paulatina especialização da indumentária praiana, na qual cada item cumpre uma função: o chapéu para proteger do sol e a touca para o banho de mar.

A história das roupas e das práticas da cultura física sobrepõe-se à medida que os costumes se difundem. É, sobretudo, a partir da década de 1920 que ocorre uma especialização das roupas esportivas, que alternam e combinam significados relacionados à moda, à eficiência técnica, ao pertencimento de classe e aos códigos de gênero. As primeiras décadas do século XX “são reveladoras de olhares novos sobre o corpo e sobre os modos de se vestir com especificidade, de fazer da

roupa especializada uma necessidade”.²⁵ O traje litorâneo ou de banho, embora não tenha um significado exclusivamente esportivo, acompanhou uma especialização vinculada ao universo esportivo. Seu propósito era possibilitar ao corpo mover-se livremente na água, ainda que isso implicasse embates com as noções de decência e moral da época.

Figura 3. Homem escalando coqueiro Olinda (1937).



Fonte: Benício Dias, “Homem escalando coqueiro”, Olinda, Pernambuco, 1937, ABD, <https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/base-da-villa-digital/iconografia/item/2416-homem-escalando-coqueiro>

Composto por códigos sociais e culturais, o vestuário desempenha uma função prática. O maiô, por exemplo, é um item emblemático na representação do litoral moderno. A difusão histórica do desejo pelo litoral moderno pode ser estudada por meio da história da roupa de banho e da moda praiana.²⁶ A cultura física, enquanto

25 Carmen Lúcia Soares, *As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)* (Campinas: Autores Associados, 2011), 29.

26 Ana Paula Dessupoi Chaves, “A moda praia na revista ilustrada *O Cruzeiro* (1928–1943)” (dissertação de mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017).

outra dimensão desse processo, também acompanha o desenrolar dessa narrativa. Assim como o traje esportivo, diversas práticas pertencentes ao universo da cultura física foram introduzidas ou se especializaram nas praias. Embora pouco institucionalizadas, os banhos de mar, caminhadas, exercícios ginásticos e jogos com bola compuseram o cenário litorâneo, interagindo com seus elementos naturais: areais, baias, penínsulas, coqueirais e cajueiros (figura 3).

Figura 4. Jogo de bola na Praia de Iracema (década de 1940).



Fonte: Mariana Tamas, 1999, Arquivo da Família, em: Ah, *Fortaleza*, coordenado por Peregrina Capelo, Gylmar Chaves (Fortaleza: Terra da Luz, 2009), 113.

As práticas retratadas nas fotografias não se caracterizam, de fato, como modalidades do esporte moderno, que são práticas competitivas, regulamentadas, universais e quantificadas (figura 3 e figura 4). Apesar de possuírem uma lógica distinta, aproximam-se do esporte na medida em que expressavam possibilidades de experimentação e movimentação do corpo praiano. Realizar uma pose acrobática, jogar com uma bola ou escalar um alto coqueiro são ações corporais que, embora não configuradas como modalidades esportivas, pertencem ao repertório de representações associadas ao corpo litorâneo, marcado pela ousadia nos movimentos, tonificação, hedonismo, jovialidade, leveza e descontração. Característica

das primeiras décadas do século XX nas grandes cidades brasileiras, a imagem do corpo em movimento tornou-se objeto de preocupação, na qual

o tempo livre e a ludicidade, por sua vez, passam a ser inspecionados e incorporados a um discurso moralizador e institucional” e “como um problema que não dizia respeito apenas à moral instituída, mas também à economia, à política e à medicina.²⁷

Um conjunto de processos culturais, fundamentado em conhecimentos teóricos e práticos acerca do corpo nesse espaço e suas possibilidades, configurava-se ali, delineando uma educação do corpo na praia. Para os propósitos deste artigo, baseamo-nos nos estudos de Carmen Lucia Soares sobre a noção de educação do corpo, entendida como “expressão de amplos processos culturais constituídos a partir do [...] conhecimento e prática dos usos e costumes de uma sociedade, tendo como finalidade introduzir indivíduos e grupos em distintas esferas da vida pública”.²⁸

Trata-se, portanto, de uma compreensão de educação que vai além dos limites da instituição escolar, captando vestígios muitas vezes quase imperceptíveis para delinear contornos nem sempre claros, visíveis ou reconhecidos como educativos. É importante considerar que essa educação específica, e ao mesmo tempo abrangente, dirige-se ao corpo vivo e em movimento, envolvendo tanto sua fisiologia íntima quanto a expressão de sentimentos e emoções que, aos poucos, assumem marcas singulares das culturas. Esses processos educativos inéditos voltados ao corpo não cessam de se aprimorar e especializar.²⁹ Neste artigo, considerando especificamente o espaço litorâneo moderno, a noção de educação do corpo manifesta-se em procedimentos, atividades, prescrições, elementos da cultura material, bem como em ritmos, tempos e arquiteturas próprios e progressivamente mais específicos desse espaço.

Práticas esportivas, incluindo as de caráter náutico, são expressão dessa educação do corpo de cunho higiênico, recreativo e educativo, presentes no litoral de Recife e Salvador desde o final do século XIX e, a partir da década de 1920, em Fortaleza. Embora inicialmente manifestas em dinâmicas diversas menos ou mais institucionalizadas, codificadas, regulamentadas, burocratizadas, quantificadas e

27 Denise Bernuzzi de Sant'Anna, *O prazer justificado: história e lazer (São Paulo, 1969–1979)* (São Paulo: Marco Zero, 1994), 25–26.

28 Soares, “Educação do corpo”, 219.

29 Soares, “Educação do corpo”.

categorizadas. Essas práticas aproximavam-se progressivamente do tipo ideal de “esporte moderno”.³⁰

Remo, natação, e mesmo aparições de polo aquático, além de práticas com ritmos distintos de esportivização, como as corridas de jangadas, ocupavam praias, estuários, baías, enseadas e penínsulas das capitais litorâneas do Nordeste. Paralelamente a outras manifestações da cultura física, os sujeitos teatralizavam representações atléticas praianas. Eram eles os sujeitos bronzeados, vigorosos, adeptos dos esportes náuticos, identificados como a “nova geração que vive em contato com o mar”.³¹ Essa foi a primeira geração que cresceu e viveu habitualmente frequentando a costa, usufruindo de uma cultura física moderna e tipicamente litorânea.

O esporte no litoral do nordeste: entre o remo e as jangadas

As práticas esportivas no litoral nordestino desenvolveram-se em ritmos diversos, variando conforme a cidade e a modalidade específica. Em Salvador e no Recife, o remo destacou-se entre as elites. Na enseada dos Tainheiros, na península de Itapagipe, em Salvador, regatas eram realizadas aos domingos. No Recife, as regatas aconteciam na baía do cais da Rua Aurora, onde o rio Capibaribe encontra o mar, principalmente após a criação dos primeiros clubes esportivos náuticos.³²

Posteriormente, a natação ganhou destaque entre as décadas de 1930 e 1950, com eventos como a Travessia Mar Grande-Salvador e, em Fortaleza, os Campeonatos Cearenses de Natação e a Prova Heroica.³³ Práticas já presentes na cultura popular passaram por um processo de “esportivização”, aproximando-se dos modelos ocidentais, como as corridas de jangadas e de saveiros.

Neste tópico, abordaremos especificamente as regatas, prática aderida pelas elites, mas que também se consolidou como evento esportivo e social nas cidades. Além disso, as corridas de jangadas serão centrais, pois, apesar de praticadas por

³⁰ Allen Guttman, *From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports* (Nova Iorque: Columbia University Press, 1978).

³¹ “Forte, tostado de sol...Novo Campeão”, *Correio do Ceará* (Fortaleza), 19 de fevereiro de 1940, 6.

³² Araujo, *As praias e os dias*; Raimundo Pereira Alencar Arraes, *Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na campanha Salvacionista de 1911* (Natal: EDUFRN, 1998).

³³ Lygia Maria dos Santos Bahia e Maria Cecília de Paula Silva, “História e memórias das mulheres na travessia a nado Mar Grande – Salvador: ousadias no mar aberto”, *Pensar a Prática* 21, n.º 1 (2018); Montenegro, *A cultura física*.

membros das classes populares, tiveram repercussão entre outros grupos sociais, especialmente em Fortaleza.

Os eventos esportivos das regatas foram, aos poucos, incorporados à rotina do litoral moderno, marcado por banhos salgados ao amanhecer ou no fim da tarde durante a semana, e maior frequência aos finais de semana, férias e veraneios. As regatas passaram a compor esse cenário, transformando-se em dias de festa e celebração; a expressão “festa esportiva” era com frequência utilizada pela imprensa.

As regatas consistiam em competições de remo que variavam conforme o tipo de barco, o número de remadores e categorias de idade ou experiência. Eventualmente, eram associadas a provas de natação ou corridas de jangadas, além de diversas manifestações recreativas, musicais, culinárias e sociais. Para os espectadores embarcados nos vapores – grandes navios que atracavam próximos ao local das regatas – o evento se tornava um espetáculo social, acompanhado por bandas, serenatas, bebidas e refeições.

Pavilhões e pontes também recebiam parte do público e membros da imprensa, tornando as regatas ocasiões coletivas de encontro social e celebração, como descrito pelo jornal *Correio do Brazil* na cidade de Salvador em 1905.

A banda de musica do 16 batalhão executava ali harmoniosos dobrados e o serviço do «buffet» foi abundante. Pouco depois de 6 horas regressaram todos á cidade, satisfeitos e contentes, saudosos de não mais se poder prolongar aquele centro alegre e festivo, onde risos de senhoritas, flores perfumosas e o som harmonioso da bela musica eram os ornamentos dos grupos femininos, que a todo instante tagarellavam. E assim terminou a festa de hontem, das nossas sociedades sportivas, reinando tudo na melhor harmonia, o que mais uma vez fica registrado que o nosso povo sabe rir e folgar, respeitando os direitos de cada cidadão. Nossos aplausos, nossos parabéns á Federação dos Clubes de Regatas da Bahia, aos Sports Clubes Victoria, Itapagipe e S. Salvador.³⁴

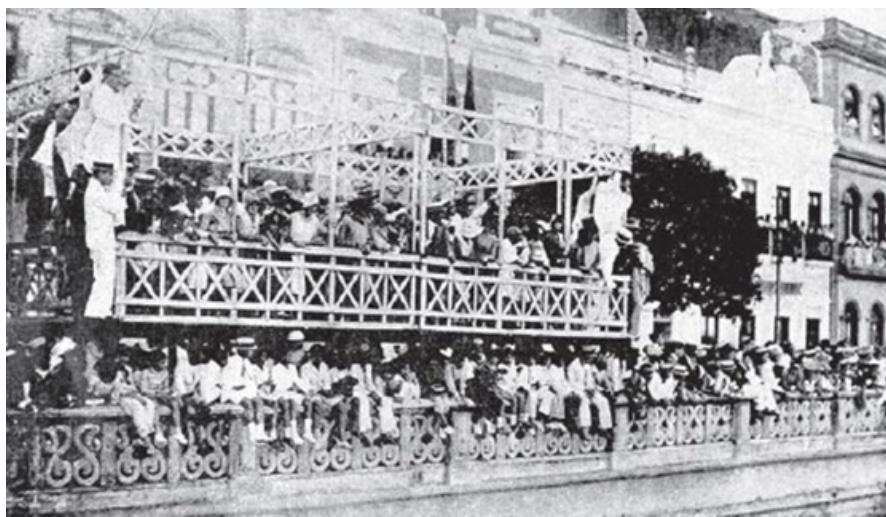
Ao descrever as festas das sociedades esportivas, o jornal pouco destaca a disputa esportiva em si, focando mais no caráter social do evento. Música, alimentação, senhoras, perfumes e conversas compunham a festividade. Ao mesmo tempo, manifestava-se o orgulho pela civilidade e pela ideia de progresso que o evento transmitia, registrando que “o nosso povo sabe rir e folgar, respeitando os

34 “As regatas”, *Correio do Brazil* (Salvador), 3 de abril de 1905, 2.

direitos de cada cidadão”. Esse modo de celebrar, no contexto de um espetáculo esportivo regulamentado e sistematizado, parecia alinhar-se aos ideais de civilidade propagados no Brasil em processo de urbanização e recém republicano.

Nas décadas de 1920 e 1930, as imagens retratam as regatas nas cidades do Recife e Salvador, onde os dias de regatas, também chamados Festa do Remo, eram celebrados pela imprensa e contavam com ampla participação popular (figura 5).

Figura 5. Regatas de Domingo.



Fonte: “As regatas de Domingo”, *Revista da Cidade* (Recife), 15 junho 1929, 18.

Na primeira imagem, as regatas no cais da Aurora, no Recife, reuniam um grande público formado por homens, mulheres e crianças, alguns dependurados nas colunas da arquibancada e pavilhões, outros sentados nos muros da ponte. A fotografia captura o entusiasmo gerado pelas regatas, tanto no aspecto social quanto esportivo, pois todos os olhares se voltam para as águas do Capibaribe, onde os barcos a remo disputam a velocidade.

Figura 6. Festa esportiva.



Fonte: “A magnifica festa do remo”, *ETC* (Salvador), 15 de março de 1932, 17.

Na cidade de Salvador, o porto dos Tainheiros também era retratado com entusiasmo pela imprensa. A segunda imagem, com acabamento esmerado da revista baiana ETC, mostra o duplo aspecto das regatas: de um lado, o público a bordo do navio, composto principalmente por mulheres e crianças; do outro, a própria competição, com a península de Itapagipe e sua arquitetura ao fundo, e um barco a remo deslizando sobre as águas (figura 6). Mais uma vez, a ideia de celebração fica evidente no título que acompanha as imagens: “Magnífica festa do remo”.

A festa, prática presente desde as sociedades mais antigas, também se manifestava nas instituições modernas (no Estado, nas escolas e nos clubes sociais), reunindo diversos grupos sociais. A festa esportiva surge com a difusão do esporte moderno e, frequentemente, associa-se a outras comemorações, como Ano Novo, Independência e aniversários dos clubes esportivos. A partir das décadas de 1930 e 1940, com o Estado Novo, essas festas consolidam-se também como eventos de caráter cívico.³⁵

³⁵ Claudia Schemes, *Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas e Perón* (Novo Hamburgo: Feevale, 2022).

Seja pela narrativa da competição, seja pela experiência compartilhada pela multidão, emoções e tensões afloravam nesses eventos. Os sentimentos mobilizados na festa esportiva, entremeada ou não por outras celebrações, evocavam um forte senso de coletividade.

A imprensa também fomentava esse entusiasmo antes e depois dos eventos, como no trecho: “Festa de civilização e de progresso, a alma da população inteira se rejubila nos frêmitos do entusiasmo para saudar o seu clube predileto, empelhado na conquista dos louros que há de marcar seu nome na história esportiva da Bahia”.³⁶ A expressão “alma da população inteira” generaliza a sensibilidade coletiva diante da representação de progresso, civilidade e júbilo associada ao evento esportivo. O lugar ocupado na história e na memória funciona como um convite para a participação numa experiência coletiva significativa, que marcaria o nome do clube na história esportiva da Bahia.

Outra prática que se desenvolvia no mesmo cenário litorâneo eram as corridas de jangadas. Embora próximas ao remo no aspecto esportivo (barcos deslizando e disputando o tempo em percursos estabelecidos), suas representações, significados e envolvimentos sociais diferiam profundamente das regatas. Curiosamente, essa prática tradicional ganhou destaque justamente quando o litoral passava por um processo de modernização, com a consolidação dos clubes esportivos, a difusão das casas de veraneio e o direcionamento do transporte coletivo e avenidas para as praias.

De fato, as corridas de jangadas não tiveram início na década de 1930. Nas imediações da costa da cidade de Natal, por exemplo, essas corridas já eram práticas costumeiras dos pescadores. Câmara Cascudo as descreve como “outrora vaadiação praieira de largo prestígio e, aos domingos à tarde, havia quase sempre uma boa disputa entre jangadeiros.” Eram desafios, um verdadeiro “arremedo de corrida”, com premiações modestas, como “batida no ombro, abraços, palmas, algumas rodadas vivas de aguardente de alambique de barro, com sua coroa de aljofares tentadora”, além da fama e prestígio social.³⁷

A jangada era um instrumento secular da pesca artesanal no litoral de parte do Nordeste e, assim como seu uso para fins pesqueiros se conservava, as formas de divertimento, os desafios de corrida e de destreza também se mantinham. As tradições foram se modificando à medida que a região urbanizada avançava e integrava esses

36 “A regata de amanhã”, *Gazeta de Notícias* (Salvador), 11 de outubro de 1913, 2.

37 Luís da Câmara Cascudo, *Jangada – uma pesquisa etnográfica* (Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1957), 55.

povoados litorâneos. Contudo, não houve aniquilamento dessa prática; pelo contrário, parte dela foi conduzida segundo a lógica do esporte moderno em expansão.

Foi principalmente nas décadas de 1930 e 1940 que as corridas de jangadas em Fortaleza passaram a gozar de um prestígio até então inédito. A prática ganhou protagonismo, sofrendo transformações que exigiam novas dinâmicas de relação com o tempo e o espaço. Os clubes esportivos e sociais passaram a organizar as corridas, a imprensa noticiava os eventos, e os jangadeiros conduziam os barcos. Assim, estabeleciam-se dias, horários e percursos definidos com antecedência, em contraste com os desafios espontâneos de antes, que agora faziam parte de uma programação formal.

Amanhã, em nossa capital, assistiremos um espectáculo interessante, com a realização de uma corrida de jangadas.

Tomarão parte neste certame diversos jangadeiros que disputarão a conquista de prêmios nessa corrida á vela.

A partida das jangadas será às nove horas, na Praia de Iracema. Os jangadeiros avançarão até um certo ponto da barra, sendo o ponto de chegada, na volta, entre o Restaurante Ramon e a residência do sr. Joaquim F. de Lima.³⁸

Embora os pontos de partida e chegada fossem baseados em referências não esportivas, como restaurantes e pontes, já havia um rigoroso controle de horários para a largada, inscrições prévias, premiações anunciadas, além da divisão das provas em categorias, conforme velocidade ou velocidade e destreza, e subdivisões de acordo com o tamanho da jangada. Uma equipe de juízes, organizada em comissões responsáveis pela largada, chegada e confirmação dos diretores de corrida, fiscalizava as provas, assim como grupos encarregados das premiações e da cobertura pela imprensa. Gradualmente, estabeleceu-se uma dinâmica orientada pela racionalidade esportiva para regular as corridas dos jangadeiros.

A ascensão do esporte moderno e o aprimoramento das performances esportivas conduziram a uma aprendizagem marcada pela valorização dos tempos curtos e da precisão temporal, impondo ritmos mais determinados e rigorosos à organização das práticas corporais. Esse processo também refletiu uma laicização do tempo, na medida em que as atividades passaram a ser reguladas por cronômetros

38 “Uma corrida de jangadas”, *Correio do Ceará*, 28 de junho de 1934, 7.

e calendários desprovidos de conotações religiosas ou festivas, subordinando o corpo e sua rotina a uma lógica racional e secular de mensuração.³⁹

Ainda que as corridas de jangadas não estivessem plenamente organizadas segundo a lógica do esporte moderno, uma tendência clara começava a se delinejar (figura 7). A imprensa, por sua vez, impulsionava essa representação esportiva, atribuindo à prática um caráter competitivo e estruturado. O jornal *Correio do Ceará*, por exemplo, referia-se às corridas como um “esporte que está entusiasmando a mocidade forte de Fortaleza”,⁴⁰ evidenciando o crescente reconhecimento social e cultural dessa manifestação.

Figura 7. Praia de Iracema.



Fonte: “Praia de Iracema”, década de 1940, Arquivo Nirez, Arquivo pessoal de Miguel Ângelo de Azevedo, Fortaleza.

O termo “regatas” também era utilizado para se referir às corridas de jangadas, aproximando essa prática do remo, modalidade já consolidada segundo os moldes do esporte moderno em cidades como Salvador e Recife. As corridas de jangadas

39 Alain Corbin, “O prazer do historiador (Entrevista concedida a Laurent Vidal)”, *Revista Brasileira de História* 25, n.º 49 (2005): 11–13.

40 “Movimentada manhã esportiva...”, *Correio do Ceará*, 8 de julho de 1937, 7.

passaram a integrar a programação esportiva dos clubes, convivendo com outras modalidades como natação, atletismo, vôlei e basquete.

Nas corridas de jangadas, distintos grupos sociais se envolviam, conferindo à dinâmica esportiva também um sentido festivo. Os principais agentes dessas corridas eram os jangadeiros (geralmente um mestre e seus tripulantes), os patronos, como eram chamados os donos das jangadas ou tutores dos jangadeiros, pertencentes à elite local; as jangadas, batizadas com nomes heroicos, que funcionavam como elo simbólico entre jangadeiro e patrono; e, por fim, os burocratas das corridas, compostos por sócios dos clubes e membros da imprensa.

A relação entre membros da elite e os jangadeiros é fundamental para compreender o desenvolvimento das corridas. Além de promoverem os eventos, esses agentes elitistas, como Fernando Pinto, diretor do Jangada Clube, mantinham certa proximidade com os pescadores, oferecendo assistência material e apoio em momentos de necessidade ou crise. Por outro lado, os jangadeiros mobilizavam valores simbólicos associados à masculinidade vigente na época, como a “reverência às qualidades, cultuadas como masculinas, enxergadas no jangadeiro: a força, o vigor físico, a bravura enfrentando as feras marinhas e a natureza, muitas vezes adversa, além da coragem de se aproximar cotidianamente do fantasma da morte”.⁴¹

Nesse sentido, as corridas de jangadas enunciavam qualidades associadas à coragem e à força e, simultaneamente, constituíam acontecimentos de celebração nos quais o encontro entre classes sociais e a suposta harmonia entre elas se evidenciavam em torno dessa prática. Enquanto evento social e esportivo, tinham também a finalidade de angariar fundos para os pescadores. Em outras ocasiões, integravam a programação de aniversários dos clubes esportivos, ao lado de práticas convencionais e não convencionais, além de servirem como homenagens ou para marcar a recepção de visitas célebres à cidade. Assim, esses eventos atendiam a interesses diversos: proporcionavam ganhos materiais e sociais para os próprios jangadeiros e, paralelamente, promoviam a visibilidade e o prestígio social dos clubes náuticos e de seus associados.

41 Berenice Abreu, *Jangadeiros: uma corajosa jornada em busca de direitos no Estado Novo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012).

Conclusões

Conclui-se que o litoral brasileiro, e no caso específico deste artigo, o litoral nordestino, passou por um processo de ressignificação no início do século XX, transformando-se de um espaço utilitário e estratégico, associado a uma terapêutica marinha, em um lugar de divertimento, sociabilidade e práticas esportivas. Essa transformação refletiu uma ampla influência cultural e urbana, impulsionada por discursos higienistas, pelo impacto de valores europeus e pela modernização das cidades. A combinação entre práticas esportivas e recreativas, urbanização e novos códigos sociais não apenas redefiniu o uso das praias, mas também contribuiu para a formação de um imaginário coletivo sobre o corpo e o espaço litorâneo, consolidando o litoral como um marco simbólico da modernidade brasileira.

As práticas esportivas no litoral nordestino, como as regatas e as corridas de jangadas, desempenharam papel importante tanto como eventos esportivos quanto como celebrações sociais. As regatas, destacadas em cidades como Salvador e Recife, eram organizadas por clubes náuticos e atraíam tanto as elites quanto o público em geral, compondo um espetáculo que integrava música, culinária e convivência social. Já as corridas de jangadas, originalmente uma tradição popular, foram transformadas em eventos organizados segundo os moldes do esporte moderno, especialmente em Fortaleza, nas décadas de 1930 e 1940.

Essas práticas envolveram distintos grupos sociais e promoveram a interação entre jangadeiros e elites, refletindo valores de coragem e força associados aos pescadores, ao mesmo tempo em que serviam como instrumentos de promoção social e arrecadação de fundos. Ambas as modalidades se consolidaram como parte fundamental da dinâmica cultural e esportiva do litoral, representando a modernização e o imaginário de progresso em um Brasil em transformação.

Bibliografia

I. Fontes primárias

Arquivos

Arquivo Benicio Dias (ABD), Recife, Brasil

Arquivo Nirez (AN), Fortaleza, Brasil

Publicações periódicas

Correio do Brasil. Salvador, 1905.

Correio do Ceará. Fortaleza, 1934, 1937, 1940.

ETC. Salvador, 1932.

Fon-fon. Rio de Janeiro, 1916.

Gazeta de Notícias. Salvador, 1913.

Revista da Cidade. Recife, 1929.

II. Fontes secundárias

Abreu, Berenice. *Jangadeiros: uma corajosa jornada em busca de direitos no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Araújo, Rita de Cássia Barbosa de. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda*. Recife: Prefeitura do Recife / Secretaria de Cultura / Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.

Arraes, Raimundo Pereira Alencar. *Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na campanha Salvacionista de 1911*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1998.

Bahia, Lygia Maria dos Santos e Maria Cecília de Paula Silva. “História e memórias das mulheres na travessia a nado Mar Grande – Salvador: ousadias no mar aberto”. *Pensar a Prática* 21, n.º 1 (2018): 14-25.

Cascudo, Luís da Câmara. *Jangada – uma pesquisa etnográfica*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1957.

Chartier, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro-Lisboa: Bertrand Brasil / DIFEL, 1990.

Chaves, Ana Paula Dessupoio. “A moda praia na revista ilustrada *O Cruzeiro* (1928-1943)”. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

Claval, Paul. “Prefácio”. Em *Maritimidade nos Trópicos: por uma geografia do litoral*. Eustógio Dantas, 9-14. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

Corbin, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Corbin, Alain. “O prazer do historiador (Entrevista concedida a Laurent Vidal)”. *Revista Brasileira de História* 25, n.º 49 (2005): 11-31.

- Delumeau, Jean.** *O medo no Ocidente: 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Freitas, Gustavo.** “Práticas de divertimento no Cassino/RS em meados do século XX: a produção de um outro espaço no encontro com os infames”. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande, 2014.
- Freyre, Gilberto.** *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida a paisagem e a cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- Góis Junior, Edivaldo.** “Ginástica, higiene e eugenio no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX”. *Revista Movimento* 19, n.º 1 (2013): 139–159
- Guttman, Allen.** *From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1978.
- Kirk, David.** “Physical Culture, Physical Education and Relational Analysis”. *Sport, Education and Society* 4, n.º 1 (1999): 63–73.
- Küster, Hansjörg.** *Petite histoire du paysage*. Strasbourg: Circé, 2013.
- Lessa, Priscila Requião, Carmen Lucia Soares e Marcelo Moraes e Silva.** “Passeios de bicicleta, corridas esportivas: novos divertimentos na cidade de São Paulo (1896–1925)”. *Topoi: Revista de História* 24, n.º 52 (2023): 311–344.
- Lucena, Ricardo.** *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2000.
- Machado, Aline Gomes e Coriolano Pereira da Rocha Junior.** “A ginástica como prática educativa na Bahia (1850–1920)”. *Recorde: Revista de História do Esporte* 12, n.º 1 (2019): 1–15.
- Maia Neto, Vicente Moreira.** “Futebol, imprensa e cidade: o processo de especialização da crônica esportiva em Fortaleza (1921-1930)”. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, 2014.
- Medeiros, Daniele Cristina Carqueijeiro de.** *Entre esportes, divertimentos e competições: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros (São Paulo, 1899-1949)*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2021.
- Melo, Victor Andrade de.** *Cidade sportiva: o turfe e o remo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará / FAPERJ, 2001.
- Montenegro, Nara Romero.** “A cultura física e suas manifestações no litoral de Fortaleza (1925-1946): novos modos de se educar e de se divertir”. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2020.

Moraes, Claudia. “A educação do corpo à beira-mar: esporte e modernidade na ilha de Santa Catarina (1857-1932)”. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

Nascimento, Leonne e Joanna Silva. “Das praias cariocas aos rios recifenses: a institucionalização do remo no Rio de Janeiro e no Recife”. Em *Esportes no Nordeste: um mosaico sócio-histórico*, editado por Ricardo de Figueiredo Lucena, Maria Isabel Brandão de Souza Mendes e Priscila Santos Canuto, 51-70. João Pessoa: UFPB, 2011.

O'Donnell, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1840-1940)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Oliveira, Paulo. “O esporte em Recife em meados do século XIX: o caso do turfe no ano de 1859”. Em *Esportes no Nordeste: um mosaico sócio-histórico*, editado por Ricardo de Figueiredo Lucena, Maria Isabel Brandão de Souza Mendes e Priscila Santos Canuto, 173-185. João Pessoa: UFPB, 2011.

Ramos, Daniel da Rocha. “A invenção da praia e a produção do espaço: dinâmicas de uso e ocupação do litoral do ES”. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, 2009.

Rocha Junior, Coriolano Pereira da. “Esporte e modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX”. Tese de doutorado, UFRJ, 2011.

Sant'Anna, Denise Bernuzzi de. *O prazer justificado: história e lazer (São Paulo, 1969-1979)*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

Santos, Henrique Sampaio. “As elites e os clubes esportivos em Salvador, 1899–1924”. *Veredas da História* 4, n.º 1 (2011): s. p.

Santos, Henrique Sampaio. “Entre torcedoras e esportistas: a presença feminina na revista ilustrada Semana Sportiva em Salvador nos anos 1920”. *Saeculum* 27 (2012): 269-290.

Schama, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Schemes, Claudia. *Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas e Perón*. Novo Hamburgo: Feevale, 2022.

Schossler, Joana Carolina. *História do veraneio no Rio Grande do Sul*. Jundiaí: Paco, 2013.

Schramm, Solange Maria de Oliveira. “Território livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema”. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, 2001.

Soares, Carmen Lucia e Samuel Ribeiro Santos Neto. “À sombra das árvores... Respirando ar puro: educação e divertimentos junto à natureza na São Paulo dos anos 1920”. *Educação em Revista* 34 (2018): 418–431.

Soares, Carmen Lúcia, org. *Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana*. Campinas: Autores Associados, 2016.

Soares, Carmen Lúcia. *As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)*. Campinas: Autores Associados, 2011.

Soares, Carmen Lúcia. “Educação do corpo: apontamentos para a historicidade de uma noção”. *Educar em Revista* 37 (2021): e76507.

Soares, Carmen Lucia. “El mar, la playa, la vida al aire libre y la educación del cuerpo”. Em *Fer-se a la mar: Narratives d’una descoberta pedagògica*, editado por Oriol Brugarolas Bonet, Èric Ortega González e Àngel Pascual Martín, 139-156. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2023.

Soares, Carmen Lucia. “Veredas: caminhos trilhados e a trilhar na pesquisa sobre a história da ginástica”. Em *Corpo e Ginástica na História: métodos, sujeitos, instituições e manuais*, editado por Andrea Moreno, Evelise Amgarten Quitzau, Marcelo Moraes E. Silva e Anderson Baía, 19-43. Campinas: Mercado de Letras, 2022.

Tamas, Mariana. “Jogo de bola na Praia de Iracema (década de 1940) Arquivo da Família”. Em *Ah, Fortaleza*, coordenado por Peregrina Capelo, Gylmar Chaves. Fortaleza: Terra da Luz, 2009.

Terra, Vinicius. “A invenção da praia de Santos (1880–1940)”. Em *Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana*, organizado por Carmen Lúcia Soares, 205–238. Campinas: Autores Associados, 2016.

Thomas, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.